

Nota introdutória a “The untouchable New Conquests”: Amita Kanekar

Rosa Maria Pérez

PÉREZ, Rosa Maria (rosa.perez@iscte-iul.pt) – CRIA-Iscte, Portugal. ORCID: 0000-0002-9648-2416.

NA GOA CONTEMPORÂNEA, O DEBATE POLÍTICO TEM-SE CENTRADO, sobretudo, em questões de desenvolvimento económico, turismo, sustentabilidade ambiental, património, identidade cultural. Contudo, ao privilegiar estas dimensões mais visíveis, a esfera pública e académica tem sistematicamente negligenciado uma realidade social que, embora menos aparente, continua a marcar profundamente a vida quotidiana: a persistência da intocabilidade.

A invisibilidade desta questão é, em si, reveladora. Ao longo das últimas décadas, Goa construiu para si própria e para o imaginário nacional uma imagem de excepcionalidade¹ – um território onde a cultura cosmopolita, o catolicismo, o intercâmbio com o Ocidente e o alto nível de escolarização teriam minorado ou até eliminado desigualdades de base social e religiosa. É justamente neste discurso de excepção que reside uma das maiores negações: através dele, as hierarquias de casta e os mecanismos de exclusão tornaram-se um tema marginal, quase ausente das análises académicas, tanto de investigadores indianos quanto de estrangeiros. Efectivamente, as humanidades e as ciências sociais, nacionais e estrangeiras, encontraram na Goa do catolicismo, da história, da música, do património um objecto sedutor. No entanto, em diversos planos da vida social – o acesso desigual a espaços colectivos, as práticas religiosas segregadas, as dificuldades acrescidas de certas comunidades no acesso a empregos de prestígio e representação política – a lógica da intocabilidade resiste silenciosamente. Poucos investigadores ousaram deter-se nas contradições que corroem o tecido social: famílias e grupos que ainda se sentem marginalizados, profissões que transportam estigmas, bairros onde a mobilidade social é promessa por cumprir.

Donde a relevância de um livro recentemente traduzido para inglês, *Untouchable Goa* (no original *Bahishkrut Gomantak*), de Dadu Mandrekar, que documenta a persistência de formas enraizadas de opressão e exclusão social baseadas na casta, sobretudo nas regiões das chamadas Novas Conquistas.² Tive o privilégio de conhecer Dadu Mandrekar no início deste século, quando pensava continuar em Goa o trabalho iniciado numa aldeia do Gujarat com uma casta de *dalits* e que, afinal, haveria de levar-me às *devadasi* dum templo hindu de Goa. Nessa altura, ele tinha-se já convertido ao budismo – à semelhança do seu guia político e social, Ambedkar – mas as nossas

1 A autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico.

2 Historicamente, o domínio português em Goa iniciou-se com o domínio das chamadas Velhas Conquistas, no início do século XVI, nomeadamente a partir de 1510, e durou cerca de 451 anos até 1961, quando Goa foi integrada na Índia. As Novas Conquistas foram incorporadas muito mais tarde, no século XVIII, através de tratados e cedências envolvendo governantes locais e a coroa portuguesa, mantendo-se predominantemente hindus. Foi, é, nesse contexto que o sistema de castas conservou os seus traços distintivos, dele fazendo parte estruturante a intocabilidade, a discriminação sistémica contra “intocáveis”. Esta anexação faseada, assinalada por Sawant, é frequentemente simplificada no discurso comum, como evidencia Amita Kanekar.

conversas, quase sempre nas margens do Rio Mandovi, em frente à Kala Academy, rodavam à volta dos *dalits* de Goa e da sua luta contra a intocabilidade. De facto, foram muitos os anos em que Dadu Mandrekar organizou campanhas para sensibilizar a comunidade *dalit* sobre os seus direitos constitucionais e a importância da educação moderna, incentivando os jovens a rejeitarem práticas tradicionais discriminatórias e a abandonarem actividades profissionais associadas à intocabilidade de casta, defendendo, assim, a sua emancipação social. O trabalho de campo de Mandrekar em aldeias de Pernem, Bicholim e Sattari, nas Novas Conquistas, revelou a marginalização sistémica de comunidades como os *mahars*, sujeitas a situações de desnutrição, habitação precária, ausência de acesso à educação e a cuidados de saúde, bem como à exclusão de espaços religiosos. Estas práticas castistas, que incluem formas ritualizadas de segregação, proibição de entrada em templos e exploração económica, configuram uma forma fortíssima de injustiça social que subsistiu apesar das – ou em paralelo com – as heranças coloniais.

O livro de Dadu Mandrekar expõe essa longa opressão baseada na casta e a discriminação estrutural que persiste por detrás da imagem turística de Goa e da sua história colonial. A sua obra constitui uma lente crítica correctora das narrativas simplistas de opressão que se focam exclusivamente nas identidades coloniais *versus* anticoloniais. Evidencia as lutas intracomunitárias e o legado duradouro da estratificação social que ultrapassa linhas religiosas e coloniais. Como nos diz Amita Kanekar, o livro de Mandrekar sugere que as Novas Conquistas não foram “salvas”, mas antes aprisionadas num outro regime de opressão – o da hierarquia de castas, reforçado por estruturas religiosas e sociais de matriz bramânica, em contraste com a conversão cristã de carácter colonial. Segundo a autora, as Velhas Conquistas conheceram uma maior assimilação às estruturas coloniais, incluindo a mudança religiosa, e a sua população beneficiou, em termos gerais, das infraestruturas, instituições e dinâmicas de urbanização legadas por séculos de governação portuguesa. Registos de intocabilidade explícita com formas de crueldade ritualizadas, como as descritas nas Novas Conquistas, não aparecem com a mesma intensidade nas Velhas Conquistas.

Não é esse, todavia, o discurso do actual chefe do governo de Goa, Pramod Sawant, membro do Bharatiya Janata Party (BJP), o partido que actualmente governa a Índia. A verdadeira questão para Sawant parece ser a das conversões religiosas – enquanto as Velhas Conquistas assistiram a conversões significativas ao cristianismo, as Novas Conquistas mantiveram as suas práticas religiosas hindus e identidades culturais em grande medida intactas. A celebração por Sawant desta resiliência religiosa confunde o progresso sociopolítico com a preservação da identidade cultural e religiosa de uma forma que pode levar à polarização comunitária. A sua retórica tende a enfatizar a identidade hindu e a retratar os goeses cristãos como colaboradores coloniais ou vítimas, alimentando agendas políticas contemporâneas que procuram apagar os legados

culturais portuguesas e promover um quadro nacionalista hindu. A representação feita por Pramod Sawant do legado português e da divisão entre Velhas e Novas Conquistas simplifica e politiza uma história complexa. O seu foco nas narrativas de conversão alinha-se mais com as tensões políticas e comunitárias actuais em Goa do que com a sua complexidade histórica e social.

Entretanto, vozes como a de Mandrekar recordam-nos as hierarquias sociais silenciosas e persistentes que continuam a moldar a sociedade goesa. O louvor selectivo de Sawant às Novas Conquistas centra-se fundamentalmente na preservação das identidades religiosas e culturais hindus, as mesmas que alimentam o nacionalismo religioso do *hindutva*, suporte da ideologia de uma Índia culturalmente hindu, marginalizando outras comunidades religiosas, em particular muçulmanos e cristãos, e mantendo aquilo que constitui inequivocamente uma das maiores formas de discriminação do mundo, a intocabilidade.

A política contemporânea de Goa, quando se confronta com estes temas, tende a tratá-los como resquícios do passado, como se fossem incompatíveis com a imagem moderna e turística que o Estado promove. Esta omissão não é neutra: ela contribui para a marginalização continuada daqueles que vivem na intersecção entre a pertença goesa e uma herança social de exclusão. Contudo, o silêncio é também política, e a invisibilidade torna-se a sua forma mais eficaz de permanência. Superar este silêncio requer, por um lado, uma política que não tema reconhecer a pluralidade e complexidade do tecido social goês; por outro, uma produção académica que, em vez de perpetuar a Goa “excepcional” e homogénea, se debruce também sobre as contradições enraizadas na experiência dos grupos subalternizados. Só nesse cruzamento, entre a análise crítica da intocabilidade e a discussão viva da política contemporânea, será possível compreender em profundidade a sociedade goesa de hoje.